



GRAMÁTICA, VARIAÇÃO E ENSINO: ENTRE A TRADIÇÃO E A REALIDADE

GILVAN DA COSTA SANTANA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO

O presente trabalho resulta das inúmeras reflexões fundamentadas nos modernos estudos das ciências da linguagem, respeitando os conhecimentos historicamente construídos da gramática tradicional, mas contrapondo-os às novas perspectivas da gramática de uso do português brasileiro. Para fazer essa contraposição, destacamos como tais abordagens dicotômicas e antitéticas se apresentam. Para tanto, baseamos nosso estudo em gramáticas normativas e gramáticas não tradicionais. Do primeiro grupo, serviram-nos de análise as gramáticas de Celso Cunha, Evanildo Bechara e Rocha Lima; já no que foge ao tradicionalismo, baseamo-nos em Marcos Bagno e Mário Perini. O foco da pesquisa está em cinco fenômenos de variação linguística do português brasileiro. Além da análise baseada nas gramáticas, analisamos livros didáticos e textos produzidos por alunos de ensino fundamental e médio para observarmos as ocorrências de tais fenômenos de variação típica do Português Brasileiro (PB).

Palavras chave: Gramática; Variação; Ensino

ABSTRACT

This work is the result of countless reflections grounded in modern studies of the language sciences, respecting the knowledge historically built from traditional grammar, but opposing them to new perspectives of the Brazilian Portuguese use of grammar. To make this contrast, we highlight how such dichotomous and antithesis approaches are presented. Therefore, we based our study on normative grammars and non-traditional grammars. From the first group, we take the analysis of grammars of Celso Cunha, Evanildo Bechara and Rocha Lima; as early as beyond the traditionalism, we have relied on Marcos Bagno and Mario Perini. The focus of research is on five phenomena of language variation of Brazilian Portuguese. In addition to the analysis based on grammars, we analyze textbooks and texts produced by primary and high school students to observe the occurrences of such typical Brazilian Portuguese variation phenomena (PB).

Keywords: Grammar; variation; education

Considerações iniciais

Analisamos neste estudo cinco fenômenos de variação linguística - *relativização*, *pronominalização*, *pronome sujeito-objeto*, *pseudopassiva sintética* e *regência dos verbos chegar e ir* -. Buscamos observar como se posicionam a gramática normativa e a gramática não tradicional. Em seguida, estabelecemos interface com o que dizem os livros didáticos e a produção textual dos alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Governador Albano Franco - Aracaju/SE. Lidamos com estruturas linguísticas diversas de modo que o aluno não apenas escrevesse, mas as reconhecesse. Como já dito, tal abordagem foi fundamentada na gramática normativa bem como na gramática pedagógica do português brasileiro, buscando-se, ainda, no estudo ora apresentado, pesquisar como os fenômenos aqui discriminados são tratados pelos livros didáticos e pela produção dos alunos. Esse procedimento se justifica, pois é preciso “conhecer a realidade das variedades cultas do português do Brasil para fazer um contraste entre elas e o ideal de língua estampado nas gramáticas normativas tradicionais, é indispensável conhecermos a fundo a doutrina

tradicional para podermos identificar suas falhas.” (BAGNO, 2011, p.76). Em contrapartida, percebeu-se que, em geral, os livros didáticos analisados seguem as prescrições da Gramática Normativa (GN). Quando tratam dos fenômenos aqui destacados como preponderantes no português do Brasil, “justificam” que pertencem ‘apenas’ à linguagem falada e a situações informais. Assim, trata-se exclusivamente de um registro dos fenômenos, ratificando a norma-padrão da GN. Embora alguns livros didáticos façam certas abordagens respeitadas em relação ao uso real da língua portuguesa pelo brasileiro, no que concerne aos fenômenos apresentados pelos linguistas, ainda não se trata de um fato que contemple a maioria dos livros didáticos aprovados pelo PNLD e utilizados pelos professores das escolas públicas de ensino em todo o país.

Pronomes relativos e estratégias de relativização

“Cores que eu não sei o nome ...”

(Esquadros - Adriana Calcanhoto)

“O meu olhar vai dar uma festa, amor/

Na hora em que você chegar.”

(Espumas ao vento - Accioly Neto)

Segundo pesquisa de Bagno (2001), tanto os brasileiros cultos quanto os não cultos se utilizam na língua falada a estratégia de relativização *cortadora* em detrimento da forma *padrão*. Para o autor, o emprego da norma padrão imprime um tom de pedantismo evitado ao se optar pela forma usual. Assim na estrutura relativa no PB, temos:

a) Preposição mantida: *preposição + sintagma nominal*

Ex.: Meu vizinho chora por causa daquela modelo.

Ocorrência no PB:

O SN é colocado no início da construção deixando para trás a preposição; esta é seguida de um pronome pessoal que se refere (anaforicamente) ao SN inicial.

Exemplos:

Aquela modelo que meu vizinho ainda chora por ela já mudou de cidade.

O funcionário que você conversou com ele não veio trabalhar hoje

Ou omitindo o pronome pessoal:

Essa é a mesa que todo mundo bota o chapéu em cima (dela).

b) Preposição omitida:

O funcionário que você falou é esse aí?

Note-se que a diátese do verbo requer um complemento da forma **de + SN**: *you falou desse funcionário*. Mas na estrutura relativa a preposição não aparece; pode aparecer, como em:

O funcionário que você falou dele é esse aí?

No caso, a regência do verbo é desrespeitada, porque a preposição *de*, normalmente obrigatória, não aparece. Isso ocorre em casos de estrutura relativa, mas nunca em orações principais ou subordinadas de outros tipos.

c) Sintagmas adverbiais

É também possível relativizar sintagmas adverbiais, como por exemplo:

A casa velha onde eu morei já foi demolida.

No caso, como se trata de lugar, pode-se usar o relativo *onde*, que corresponde aí ao sintagma adverbial *na casa velha*.

Aqui é igualmente possível relativizar com preposição, ou ainda com *que* sem preposição, de forma que as frases sejam sinônimas:

A casa velha que eu morei nela já foi demolida.

A casa velha que eu morei já foi demolida. [mais corrente no PB]

(Perini, 2010)

Por outro lado, Bechara (2009) afirma que o emprego de relativos precedidos de preposição mostra a função sintática deles na oração a que pertencem, como, por exemplo: Complemento relativo: O livro *de que* precisamos esgotou-se./ Objeto indireto: Este é o aluno *a que* dei o livro./ Adjunto adverbial: O livro por que aprendeste a ler é antigo. A casa em que moro é espaçosa./ Agente da passiva: Este é o autor *por que* a novela foi escrita. Na prática dos alunos, constatou-se o que Bagno (2001) afirmou como preferência do PB pela *cortadora*, como comprovam os excertos de textos abaixo:

- 1-Que significa a palavra amor? Coisas boas como amor fraternal, amor de Deus, de família e de amigos que estar no nosso lado sempre que precisamos são pessoas que podemos contar.
- 2- ... a adolescente tende a aprender a cuidar de um bebê em um período que ela mesma precisa de cuidados
- 3- Os pais e as famílias não dão a devida importância ao diálogo e os momentos na adolescências, pois são esses momentos que ele estão mais confusos..."
- 4- Gravidez na adolescência é uma fase em que nós adolescentes passamos a ver o mundo diferente, uma fase em que temos de cuidar de nós mesmos e de seu próprio... e sim por vergonha do que as pessoas falam (exceção)

Notou-se que os alunos, normalmente, ou não se utilizem das construções que exigem preposição antecedendo os pronomes relativos ou não empregam a preposição exigida pela GT. Atentemos para a exceção gerada pelo fragmento 4.

Objeto direto anafórico e estratégias de pronominalização de 3ª pessoa

"Eu consolo ele, ele me consola."

(O meu guri - Chico Buarque)

"Quem não a conhece não pode mais ver pra crer

Quem jamais a esquece não pode reconhecer."

(Quem te viu, Quem te vê - Chico Buarque)

Na concepção dos linguistas aqui referenciados, o uso do pronome *ele* com função de objeto direto é fato recorrente na língua há muitos séculos, aparecendo, inclusive, em obras literárias clássicas. Sendo assim, o emprego do pronome oblíquo de terceira pessoa com função sintática de objeto direto tornou-se algo raríssimo hodiernamente na língua portuguesa do Brasil. Para Bagno (2001), a prova cabal disso está no fato de esses pronomes chamados de *clíticos de 3ª pessoa* nunca aparecerem na fala das crianças nem na fala dos adultos analfabetos e semianalfabetos. Aliás, como já afirmado, mesmo na fala dos brasileiros cultos, a ocorrência desses clíticos é algo nada corriqueiro.

Em contrapartida, a GT ainda insiste em estabelecer regras ilógicas para emprego dos pronomes oblíquos átonos como objeto direto, com "explicações" estapafúrdias, inclusive, teoria de fatores de atração proclíticos, mesoclíticos e enclíticos. Bechara (2009), assim como Cunha (2007), para citar só dois renomados gramáticos, estabelecem, inclusive casos de emprego "correto" dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* como objetos diretos, desde que estejam preposicionados por diversos fatores de justificativa assim como consideram situações como *Vi ele*. *Encontrei ela*. Marcas de português oral e *vulgar*, *familiar*, *coloquial*, *popular* e que "devem ser evitadas". Confirmando-se a tese de nova concepção da gramática do Brasil, trazida pelos linguistas, temos os exemplos de textos produzidos por nossos alunos.

1. ...olhamos para trás, apareceu um homem com uma serra elétrica, ele pegou meu amigo e o cortou... (exceção)
1. - ...quando deixei ele, não foi mais embora ...eu mesmo assim não queria ele. Resumindo ele mora comigo a 9 anos mas a 2 anos eu amo...
1. ... muitas garotas não têm responsabilidades por isso não usa preservativos assim engravida, elas pensam que os parceiros nunca vai deixar elas na mão...

Pronome sujeito acusativo do infinitivo e objeto direto nominativo

"Deixa eu dizer que te amo."

(Amor I Love You - Carlinhos Brown / Marisa Monte)

"Deixe-me ir preciso andar Vou por aí a procurar. Rir pra não chorar."

(Preciso me encontrar - Cartola)

O emprego das orações infinitivo-latinas com o uso de verbos causativos/sensitivos respeitando o que prescreve a GT não se constitui num fenômeno corriqueiro d PB, pois

Com verbos seguidos de infinitivo (ou gerúndio), os falantes brasileiros (de todas as regiões, de todos os níveis de escolaridades) usam quase invariavelmente os pronomes retos para exercer as duas funções sintáticas: objeto direto do primeiro verbo e sujeito do segundo ... estamos cada vez mais sentindo a necessidade de explicitar foneticamente o sujeito. Já os portugueses agem ao contrário: usam muito os clíticos para representar o objeto direto e apagam o sujeito, já explicitado pela desinência do verbo. (BAGNO, 2001, Pág. 112)

Assim sendo, Lima (2010), bem como os demais gramáticos mencionados, seguindo diretrizes do português lusitano, divergente nesse aspecto ao se comparar com o Português Brasileiro (PB), afirmam que os pronomes oblíquos o (a, os, as), me, te, se, nos, vos desempenhar a função de sujeito de um infinitivo, em conexão com um dos verbos fazer, deixar, mandar, ouvir e ver, aos quais servem cumulativamente de objeto direto. Nessa perspectiva amparada pela Gramática Tradicional (GT), em *Mandei-o entrar* e *Deixe-nos pensar*, o pronome oblíquo acumula a função de sujeito de infinitivo com a de objeto direto do primeiro verbo. Obviamente, como já assinalado, no Brasil, há séculos, se diz: *Mandei ele entrar* e *Deixe nós sair*. Como tais construções de sintaxe latina não são comuns na língua corrente do Brasil, eis o caso único detectado em nosso corpus:

... ele era bravo e quem sofreu com isso foi eu e minha irmã Juliana Rocha, ele não deixava nós sair.

Passiva sintética e falsa equivalência

Em que se vai trocando as pernas.

(Sonhos Sonhos São - Chico Buarque)

Se acaso a sina do menino infeliz não se nos ilumina

Tampouco turva-se a lágrima nordestina."

(Cajuína - Caetano Veloso)

Sabe-se que são raras as ocorrências da voz passiva monitorada pela partícula *se* na realidade linguística do falante da língua no Brasil. Ademais, a propalada equivalência de passiva sintética e passiva analítica por parte da GT tem sido alvo de questionamentos há muito tempo. Assim, fica evidente que, conforme nos mostra Bagno (2010), há uma pseudocorrelação ou falsa equivalência de sentido entre diversas situações de transposição da voz passiva sintética para a voz passiva analítica e vice-versa. Como constatado em *Aluga-se esta casa/Esta casa é alugada*; Professores são demitidos/ Professores se demitem. E o que dizer da tentativa ilógica de se utilizar a ordem direta da voz passiva sintética, alegando-se equivalência em relação à ordem indireta? Como se vê em: *Galinhas se abatem. / Abatem-se galinhas*; *Docinhos se comem. / Comem-se docinhos*; *Os bandidos se procuram. /Procuram-se os bandidos*; *A porta se abriu./Abriu-se a porta*.

Certamente, decorre dessa ambiguidade ou falta de clareza em termos de quem seja o sujeito da voz passiva sintética a falta de flexão do verbo seguido do pronome apassivador quase de forma generalizada em situações de plural do sujeito paciente no PB. Tal ocorrência contraria as regras de concordância da GT. Dessa forma, para as construções amparadas pelos gramáticos e puristas da língua, tais quais: *Alugam-se casas./ Cconsertam-se relógios./ Venderam-se todos os ingressos, o PB opta por: Aluga-se casas./ Cconserta-se relógios./ Vendeu-se todos os ingressos*.

Conforme se depreendeu, são escassas as ocorrências de pseudopassivas sintéticas no PB, mesmo que na língua escrita. Em termos de plural, mais raras ainda são essas situações. Tal fato se confirmou na pesquisa realizada:

1. ... ouve-se um grito estranho nessa mesma casa onde moram uma família que quase todos os dias brigam..."
2. *Para se modificar e realizar melhoria* no transporte público...

Chegar/ Ir e o emprego de onde e aonde

Quando chegar em americana, não sei o que vai ser.
 (Nu com a minha música - Caetano Veloso)
Diga aonde você vai, que eu vou varrendo
Diga aonde você vai, que eu vou varrendo.
 (Dança da Vassoura - Molejo)

Mais um fenômeno linguístico a nos mostrar que "os falantes cultos dão ampla preferência aos usos considerados " errados" pela tradição gramatical. Ao contrário do que prescreve essa tradição" (BAGNO, 2001, Pág. 143). Indubitavelmente, no Brasil, não se faz distinção semântica entre onde e aonde nem na língua escrita, nem na língua falada. Para Bagno (2011), é imprescindível o respeito a uma gramática pedagógica do português brasileiro que questione, inclusive, a visão arcaica da Gramática tradicional no que tange à abordagem de aspectos de regência, um dos maiores focos de "controle" dos puristas que, infelizmente, não consideram o uso e a prática da língua através do tempo. Destarte, é inútil insistir que a chamada língua padrão, conforme Cunha (2007), considera corretas as construções *Ir à cidade, chegar ao colégio* em detrimento de *Ir na cidade, chegar no colégio*. Ressalte-se que estudos comprovam que o desrespeito a essa norma ultrapassada vem de séculos. Por outro lado, os gramáticos ainda insistem no emprego de onde para a ideia de repouso e aonde para a de movimento: O lugar onde estudo./ O lugar aonde vou. Na prática, os alunos empregam indiscriminadamente onde e aonde, reflexo da prática linguística independentemente de grau de instrução, conforme constatamos nos excertos de textos produzidos pelos discentes.

- 1- Uma substância letal.... demorou muito para ela ir à loteria para fazerem o jogo.
- 2-...ao chegar em casa ela encontra seu quarto todo revirado.... e chegou em casa totalmente bêbado.
- 3-Alberto a seguiu para saber onde ele iria morar... Ainda deu tempo de ir ao hospital ele contou ao médico... No dia seguinte o Dr. Sthivi foi a sua casa. (exceção)
- 4- Para chegar ao trabalho... não cheguem atrasados no trabalho...chegar aonde queria..."
- 5- E o governo aonde está? nos carros de luxo.

Analisando os fragmentos de textos acima produzidos pelos alunos, nota-se que onde e aonde são empregados indistintamente, ferindo o que preceitua a GT. Nesse sentido, estão de acordo com a GT os excertos 1 e 3; Já os casos 2 e 5 se encontram em desacordo com a GT, ao passo que o caso 4 é o mais curioso e tipicamente brasileiro: no mesmo fragmento, o aluno ora obedece à GT ora lhe desobedece. Constata-se, ainda, que as construções presentes no fragmento 3 apresentam excepcionalidade, pelo rigor de emprego da norma gramatical de tradição.

Considerações finais

A partir da análise dos cinco fenômenos destacados nessa pesquisa, chegamos a conclusões, assim sintetizadas: A Gramática Tradicional ainda insiste num conjunto de regras distantes da prática efetiva do Português Brasileiro, inclusive das camadas tidas como cultas da sociedade; Contra essa normatização anacrônica, existem trabalhos e estudos exitosos que questionam a postura prescritivista e purista e propõem conhecimento e respeito linguísticos numa abordagem atualizada do que vem a ser uma prática já cristalizada do chamado Português Brasileiro; Os alunos em sua produção refletiram o uso corrente do PB em situações orais e escritas. Isso se evidenciou na falta de preposições antecedentes aos pronomes relativos, na ausência de pronominalização do objeto direto de 3ª pessoa, se preciso, recorrendo ao uso de substantivos, no raro emprego de orações infinitivo-latinas, assim como esporádico emprego de construções passivas sintéticas e por último, o registro concomitante de onde e aonde, ora respeitando ora desrespeitando as norma da GT. Enfim, na prática pedagógica dos professores de língua portuguesa, urge refletir sobre essa dicotomia norma X uso culto da língua por meio de uma postura crítica e analítica em busca de um trabalho proficiente. temos nos comportado diante do ensino da língua portuguesa em uso no Brasil.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- _____. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro** São Paulo: Parábola Editorial, 2011 .
- _____. **A Língua de Eulália**. 16 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2010 .
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. rev. ampl. atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon

Editora Digital, 2007.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Gilvan da Costa Santana (UFS)[1]

Edineide Santana Cardoso da Silva (UFS)[2]

[1] Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe/proflettras. Professor do quadro efetivo do Instituto Federal de Sergipe – IFS. Bolsista Capes. gilvancsantana@yahoo.com.br

[2] Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe/proflettras. Professora da Rede Estadual. Bolsista da Capes. edineide_santana@yahoo.com

Recebido em: 23/06/2015

Aprovado em: 24/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: